



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## O processo de transposição do Rio São Francisco nos discursos de Fernando Valença e Frei

### Gilvander Luís Moreira: subjetividade, representação e estrutura social

Por: Delton Mendes Francodino<sup>1</sup>

deltonmusica@gmail.com

#### Resumo

O processo de transposição do rio São Francisco começou efetivamente em 2007, após 4 anos de intensa discussão nos âmbitos do legislativo, executivo e judiciário. O embate sobre a viabilidade ou não viabilidade das obras orientou a formação de dois grupos dicotômicos, favoráveis e desfavoráveis ao projeto do governo. O presente artigo analisa, então, os posicionamentos discursivos de dois cidadãos, representando cada um dos grupos, que traçaram no período anterior e pós princípio das obras, intenso debate via internet acerca da temática em questão. Subjetividade, representação e estrutura social são objetos de reflexão e construção crítica dessa pesquisa.

**Palavras chave:** Transposição do Rio São Francisco; Subjetividade; Representação social; Estrutura social.

#### Resumo

*La procezo transmeti la riveron São Francisco komencis en 2007, post kvar jaroj da intensa diskuto ĉe la leĝdonaj, plenumaj kaj juĝaj niveloj. La kdizio pri la viabilidad aŭ neeblebleco de la verkaj gvidis la formadon de du dicotomaj grupoj, favoraj kaj malfavoraj al la registara projekto. La nuna artikdo analizas la diskursivajn poziciojn de du civitanoj, reprezentante ĉiun grupon, kiu tiris en la antaŭa periodo kaj post la komenco de la verkaj, intensan debaton pri interreto pri*

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras, Artes e Cultura (Dep. Letras, Artes e Cultura), UFSJ, 2012. Biólogo em construção (Universidade de Uberaba/MG/ 2017). Mestre Teoria Literária e Crítica da Cultura, UFSJ, 2014. Mestrado em curso: Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, UFSJ, 2018. Gestão e Planejamento de Áreas Naturais, IFET, Barbacena, 2012. Permacultura, I COB (2013).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*la temo en demando. Subjekteco, reprezento kaj socia strukturo estas celoj de reflektado kaj kritika konstruo de ĉi tiu esplorado.*

**Ŝlosilvortoj:** *Transposicio de la rivero Francisko; Subjetividad; Socia reprezento; Socia strukturo.*

### **Abstract**

*The process of transposing the São Francisco river began in 2007, after four years of intense discussion at the legislative, executive and judicial levels. The dash over the viability or non feasibility of the works guided the formation of two dichotomous groups, favorable and unfavorable to the government project. The present article analyzes the discursive positions of two citizens, representing each one of the groups that drew, in the previous period and after the beginning of the works, an intense debate on the Internet about the subject in question. Subjectivity, representation and social structure are objects of reflection and critical construction of this research.*

**Key words:** *Transposition of São Francisco river; Subjectivity; Social representation; Social structure*

### **Introdução**

Envolto por muita polêmica, principalmente no governo Lula (2002-2010), o Projeto de Transposição do Rio São Francisco (*Projeto de Integração das Bacias do São Francisco e do Nordeste Setentrional*) provocou fervorosos debates entre dois grandes grupos de discussão: o primeiro, formado pelos defensores do projeto, que acreditam na sua validade e importância para o país e região nordeste setentrional, e o segundo, dos contrários à sua consolidação, que questionam a sua viabilidade.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em sua grande maioria, os favoráveis ao projeto pertencem a classes de melhores condições econômicas da população<sup>2</sup>, predominantemente ligadas a grandes produtores agrícolas, representantes políticos, empresários, dentre outros, enquanto o discurso dos não favoráveis fica majoritariamente por conta dos menos favorecidos, pelas “vozes do Sul”, como diria Moita Lopes (2006).

Dentro desse panorama, resolvi adotar como material de análise artigos de dois autores, em representação de ambos os grupos, a fim de obter discursos que estivessem num mesmo contexto sociocultural, mas que, apesar disso, pertencessem a diferentes formações ideológicas e discursivas. Analisar-se-á artigos de Fernando Valença (jornalista, escritor e advogado paraibano), representante dos adeptos ao projeto, publicados no site do Ministério da Integração Nacional, e uma carta/resposta de Frei Gilvander Luís (professor de Teologia Bíblica e assessor da Comissão Pastoral da Terra), a um destes artigos de Fernando Valença, publicada no livro “*Transposição do São Francisco*” (2008).

Um dos focos é analisar as características do contexto sociocultural de produção do discurso dos dois autores e o discurso que ambos constroem através deste contexto: sertanejos, que viveram grande parte de suas vidas no semi árido, com as dificuldades tradicionais da seca, e que utilizam esta condição como um suporte, uma “permissão”, ou “autorização” para falar sobre o tema e representar seu povo.

Dessa forma, tal como destaca Iñiguez (2004), inevitavelmente será traçado aqui um laço interdisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento, principalmente a lingüística, a

---

<sup>2</sup> O que não implica dizer que não existam pessoas de classes economicamente desprivilegiadas que sejam favoráveis ao projeto.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sociologia e a antropologia, a fim de obter uma análise do discurso voltada para a subjetivação e os processos através dos quais estes sujeitos surgem e representam a transposição do São Francisco e o povo do semi árido. De qual forma a natureza coletiva e exterior destes sujeitos possibilita o surgimento de seus discursos? E para tal dúvida, e em busca da compreensão sobre como estas “forças” exteriores podem ser compreendidas, amparo será busca na teoria da estruturação de GIDDENS (2003).

Antes de tudo, é importante ressaltar que, em virtude do princípio efetivo das obras, o debate geral sobre o assunto teve um abrandamento nestes últimos anos, 2011 a 2017, se comparado aos anos anteriores, quando o projeto estava sendo calculado e em fase de implantação. Tal fato pode ser verificado no grande desconhecimento, por parte da grande maioria da população nacional, acerca do andamento das obras que, de acordo com o site do Ministério da Integração Nacional, atingiu, em dezembro de 2016, o estágio de conclusão estimado em 83%.

Logo, o contexto histórico e cultural em que os artigos de Valença e a carta de Frei Gilvander situam-se, refere-se, sobretudo, ao período compreendido entre os anos de 2001 e 2010, marcado por polêmicas, discussões, debates e, acima de tudo, manifestações discursivamente estratégicas.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **Desenvolvimento**

### **O processo de transposição do Rio São Francisco: história e conflito**

Alvo de muitos debates, reverenciado por grandes estudiosos como Eudides da Cunha e Carlos Lacerda, e respeitado pela população que vive em seu redor, o Rio São Francisco há muito tempo vem sendo alvo de debates sobre seu valor, seja para o país, seja para aqueles que dele vivem.

No cerne das atuais discussões prevalece a questão da transposição de suas águas, um dos temas mais debatidos pela sociedade brasileira. Trata-se do mais antigo projeto do governo federal na área de recursos hídricos, tendo como objetivo principal diminuir os efeitos da seca na região Nordeste do país, bombeando, de forma não contínua, água da Bacia do São Francisco para bacias hidrográficas dos principais rios da região setentrional do Nordeste, abrangendo os estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

O denominado “Projeto de Integração das Bacias do São Francisco e do Nordeste Setentrional” ganhou amplitude nacional e internacional principalmente em razão dos debates travados entre os grupos dos favoráveis e os grupos dos contrários ao processo transpositório. O primeiro grupo é constituído principalmente pelo governo, grandes empresas e estrangeiros. Contra o projeto, no entanto, há uma “coalizão de movimentos sociais, de organizações não-governamentais, intelectuais e parlamentares, além de organizações religiosas, povos indígenas e comunidades remanescentes de quilombolas.” (ARAÚJO, 2009).

O discurso dos favoráveis à transposição vale-se de expressões como “desenvolvimento” e “conservação”, enfim, termos que privilegiam a descrição técnica do Rio e dos efeitos da sua transposição, mas que parecem excluir sua relação com as populações pertencentes ao Rio São

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Francisco. Em contrapartida, o discurso contrário ao projeto do governo defende uma estratégia voltada para a valorização dos aspectos culturais e tradicionais dos habitantes do Rio São Francisco que, eventualmente, seriam desconstruídos ou desestabilizados pelo processo transpositório.

Logo, o discurso dos adeptos volta-se de forma mais ampla para os resultados da transposição, principalmente a parte da população que receberá a água proveniente do processo transpositório e que hoje vive em condições precárias. Em contrapartida, o discurso dos não adeptos volta-se, sobretudo, para os habitantes que vivem do Rio São Francisco, e as consequências da transposição para o rio e, fatalmente, para este segmento da população.

Atualmente, o Exército brasileiro já conduziu a sua parte do projeto, cerca de 55% das obras, enquanto a outra parte, destinada a empresas terceirizadas, ainda encontra-se com grande defasagem no que se refere ao andamento das obras.<sup>3</sup>

### **Dos processos de subjetivação: O sujeito Fernando Valença e o sujeito Frei Gilvander Luís**

Perceber os sujeitos autores dos artigos e da carta é tentar perceber as motivações existentes em cada um deles, buscando compreender o que os origina, os marca e o que os faz tomar posse, ou fazer parte de determinada formação discursiva. De princípio, a leitura dos artigos de Valença e a carta de Gilvander, textos que possuem relação entre si de correspondência, em virtude, sobretudo, de a carta ser uma resposta, ou consequência de um dos artigos, já oferece

---

<sup>3</sup> Fonte: <http://www.saofranciscovivo.com.br/> / Acessado em 07 de janeiro de 2013.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma oportunidade de compreensão acerca dos níveis da enunciação. Qual era ou quais eram os momentos discursivos do momento, da situação, em que os discursos foram promulgados?

O fio inicial de ligação entre ambos os autores, possível de se depreender na análise dos *corpora* em questão, é o contexto em que ambos viveram durante grande parte de suas vidas: a região do semi árido mineiro e do nordestino<sup>4</sup>, as idiossincrasias (dimáticas, políticas e econômicas) desta região, e o condicionamento que marca o fazer discursivo de ambos em função dessa experiência.

Entretanto, não é possível pensar nos processos de subjetivação desses autores sem remeter à realidade institucional em que ambos se encontram. Ou seja, o contexto de origem não é o único que induziria sobre estes sujeitos uma consciência da realidade, mas, também a intencionalidade coletiva do grupo social ao qual cada um deles pertence, que é conciliada a fatores como a:

atribuição de funções e regras constitutivas (...) a atribuição de funções é a capacidade que os seres humanos têm de atribuir funções a objetos (...) e as regras constitutivas são aquelas que não apenas regulam, mas também constituem e tornam possíveis as formas de atividade que regulam. (SEARLE, 2000).

Desta forma, os contextos que tornam possível a subjetivação de Fernando Valença e Frei Gilvander se cruzam em alguns momentos: quando ambos se utilizam de suas origens para validar seus discursos, no fato, acontecimento social (transposição) que os faz produzir seus

---

<sup>4</sup> Segundo dados oficiais do Ministério da Integração, o Semi árido brasileiro abrange uma área de 969.589,4 km<sup>2</sup> e compreende 1.133 municípios de nove estados do Brasil: Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Nessa região, vivem 22 milhões de pessoas, que representam 11,8% da população brasileira, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É o Semi árido mais populoso do planeta, e possui clima seco, com sérias deficiências hídricas. Fonte: site da ASA (Articulação do semi árido brasileiro) [www.asabrasil.org.br](http://www.asabrasil.org.br)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

discursos e no consenso de que é preciso uma política para a questão da seca e falta de água no Nordeste. No entanto, a institucionalização os distancia, principalmente em virtude da diferença das formações ideológicas e discursivas de seus grupos de defesa, contrário ou não contrário à transposição.

Mais à frente, uma análise sobre a Teoria da Estruturação GIDDENS (2003) buscará perceber o que há nos processos de subjetivação dos autores que podem ser as responsáveis por tais posturas discursivas que se ligam totalmente às formas como vivem e baseiam sua vivência na sociedade. Antes disso, é necessário compreender um pouco mais sobre cada um deles, e as possíveis relações entre seus discursos.

### **Fernando Valença e a transposição como caminho para a superação dos problemas do povo nordestino**

Trabalhando principalmente como articulista e jornalista, Valença teve alguns de seus artigos sobre o processo transpositório publicados, *a priori*, em seu *blog*, intitulado “O abelhudo”, canal este onde expõe suas opiniões e pontos de vista sobre vários assuntos relativos ao seu atual estado, Pernambuco, e em jornais da região.

Alguns de seus artigos foram posteriormente publicados no *site* do Ministério da Integração Nacional ([www.integracao.gov.br](http://www.integracao.gov.br)) durante o período compreendido entre os anos de 2004 e 2010, página virtual esta que tem o objetivo de divulgar opiniões diversas de profissionais, pesquisadores, indivíduos em geral, acerca do assunto e que fossem partidários da política do





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

governo federal. Portanto, no *link* “opiniões”, apenas houve, durante este espaço de tempo de seis anos, pareceres favoráveis à transposição.<sup>5</sup>

Utilizei três de seus artigos (dos quais inseri alguns trechos), intitulados: “*Transposição: só da vencerá o flagelo das secas*”, publicado originalmente na Folha de Pernambuco, em 11 de fevereiro de 2008; “*A transposição no país do desperdício*”, publicado no mesmo jornal, em 22 de junho de 2008; e “*A transposição é um direito do Povo*”, publicado inicialmente no *blog* particular “O Abdhudo”, em 29 de abril de 2010.

Nesses artigos, Fernando Valença deixa transparecer um sujeito perpassado por suas transformações pessoais e históricas. Nascido no semi árido paraibano, afirma ter vivido a seca, a fome e o flagelo dos nordestinos, como uma espécie de pré-condição, uma autorização para falar e discursar sobre o assunto, no caso, o processo transpositório do São Francisco:

Caro leitor: sou nordestino, sertanejo, migrante da seca de meio século atrás... Sou brasileiro, com relativo grau de esclarecimento; não quero ser um trouxa. Por saber o que é o flagelo da seca, prática e teoricamente, há mais de 20 anos estudo o fenômeno, inclusive o Projeto São Francisco em geral e as obras da Transposição, em particular! É o que basta para que você leia e entenda o porquê destas minhas palavras. Um pouco mais: sou jornalista e radialista o que convém revelar para facilitar ainda mais as coisas: quando me convidam “faço” palestras, participo de debates e concedo entrevistas, além de escrever artigos, sempre em defesa da Transposição de água do Rio S. Francisco, para o semi-árido do NE setentrional, como definido no Projeto São Francisco. Pronto!” (VALENÇA, 2010)<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Vale ressaltar que a partir de 2010, ano em que as obras tiveram um crescimento mais significativo, o *site* do Ministério da Integração Nacional foi transformado, reestruturado, e este quadro de opiniões deixou de existir.

<sup>6</sup> “*A transposição é um direito do Povo*”, publicado no *blog* particular “O Abdhudo”, em 29 de abril de 2010.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Percebe-se, claramente, que de se vale deste mecanismo de convencimento para materializar socialmente o seu discurso. Isso acaba por estabelecer uma ordem discursiva, uma maneira de construir e reconstruir uma realidade e torná-la ponto chave para sua argumentação:

Fui criado no cariri mais pobre do mundo, da Paraíba! Menino de uns 6 anos, tirei água de cimbais e dei de beber a ovelhas e seus filhotes, “morrendo de sede”...; vi meu pai à frente de 2 carros de boi, seguido de meia dúzia de sertanejos da roça, resgatar duas de nossas vacas de leite que, sem forças para se levantar, foram assim carregadas para o curral de nossa casa, (onde já estavam cavados 9 buracos (3+3+3), paralelos, e dentro de cada um deles um tronco forte para suportar o peso delas, de pé, apoiado em uma espécie de tipóias feitas com sacos novos de café em grão), local apropriado para tentarmos mantê-las vivas, alimentando-as e dando-lhes água pra beber, em cuias de cabaça! Uma das duas não resistiu e logo morreu; mas a outra escapou.

Enquanto isso, era constante a visão de animais domésticos se exaurindo, até à morte, de fome e de sede; até pessoas, pobres agricultores, também padeciam e morreram, de fome e de sede sem falar de doenças que o flagelo da seca provoca... Alguns não suportam e migram (vão embora), com o coração partido. (VALENÇA, 2008)<sup>7</sup>

Interessante também é buscar perceber como o contexto social (classe média alta) interfere na sua visão sobre o processo transpositório. Nota-se, nos artigos de Fernando Valença, dois momentos históricos fundamentais de sua vida: o período do sofrimento, quando vivia no semi-árido (representado nos fragmentos dos artigos acima), e o período em que abandona essa condição, numa espécie de renascimento, abaixo:

<sup>7</sup> “*Transposição: só da vencerá o flagelo das secas*”, publicado originalmente na Folha de Pernambuco, em 11 de fevereiro de 2008.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Por volta dos 14 anos fui embora, migrei; queria “estudar”, imagine. Muitos de nós faziam (e ainda fazem) isso(...). O panorama passará (**após a conclusão da transposição**)<sup>8</sup> a ser: haverá fartura, saúde, educação e emprego! Não vou falar do efeito “criação de emprego”, porque é dever de toda pessoa responsável, LER (sic) o Projeto. (VALENÇA, 2008)<sup>9</sup>

A posição social ocupada pelo articulista (e que ele deixa claro ao final dos artigos quando cita, inclusive, seu nível de instrução - *sertanejo, advogado, escritor, jornalista, piloto, ensina oratória, radialista, caririzeiro*) o permite ter uma visão acerca da transposição muito diferente de Frei Gilvander Luís que, ao contrário deste, ainda vive na região onde nasceu e, desta forma, se afirma como um “verdadeiro” representante dos povos que sofrem com a seca e a falta de água, e que sofrerão ainda mais com o projeto governamental.

### Frei Gilvander Luís e as “Vozes do Sul”

Frei Gilvander Luís Moreira, ao contrário de Fernando Valença, não teve seu texto publicado no site governamental do Ministério da Integração Nacional. Todavia, pô-lo no livro intitulado ***Transposição Francisco***, de 2009, publicado pela editora Editorial, de São Paulo,

<sup>8</sup> Parênteses e negrito meus.

<sup>9</sup> “A transposição no país do desperdício”. Publicado originalmente na Fdha de Pernambuco, em 22 de junho de 2008.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

obra esta que conta com vários artigos, cartas de movimentos sociais e opiniões de estudiosos sobre a questão do processo de transposição do São Francisco.

Gilvander Luís, em sua carta resposta, *material de análise* deste artigo, datada de 15 de fevereiro de 2009, oferece uma crítica ao artigo acima relatado de Valença, publicado em 11 de fevereiro de 2008. Assim como o primeiro autor, este segundo também principia seu discurso afirmando ser um “sofredor” da seca e dos infortúnios do semi árido, não o nordestino, como Valença, mas mineiro:

Assim como você [Fernando Valença], fui criado no Semi-árido, não o nordestino, mas o mineiro. Fui criado em Arinos, noroeste de Minas. Tirei muita água na cisterna, no braço, tocando um saril que trazia o balde para cima, cisterna de 22 metros de profundidade. Quando a cisterna secava, buscávamos água na gruta da Onça. Quando esta secava, buscávamos água no rio Claro (que cai no rio Uruçuaia, um dos grandes afluentes do Velho Chico), no ombro, no jegue, à cavalo. Tomei muito banho em dois litros de água na bacia. Logo, Fernando, senti na minha própria pele o que é sobreviver no semi-árido, na escassez de água. Aprendi a ter encantamento, respeito e veneração pelas águas. (MOREIRA, 2009).

De princípio, percebe-se uma diferenciação em termos de argumentação entre Fernando Valença e Frei Gilvander. O primeiro afirma que, em consequência de suas experiências de vida, acredita no processo transpositório como um caminho para a questão da seca. Percebe-se, portanto, que para ele a interferência do homem sobre a natureza, no caso, o São Francisco, é algo necessário e aceitável. Já o segundo, em virtude exatamente da mesma experiência, diz que aprendeu a respeitar e venerar as águas, de modo a não interferir de forma alguma nos processos naturais do Rio.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ao analisar o discurso de frei Gilvander Luís, nota-se ainda a sua busca para representar discursivamente os grupos marginalizados, numa tentativa de validar ainda mais o seu respectivo discurso. Para tal, durante toda a carta, vale-se também de opiniões, fragmentos de textos de outros estudiosos, com o objetivo claro de não somente oferecer a Fernando Valença a possibilidade de reflexão sobre o assunto, mas, acima de tudo, de buscar formas de comprovar a sua posição sobre a questão. Ao citar uma audiência realizada pelo governo na Bahia, questiona:

Quem iria participar desta audiência? É pura formalidade.. assim como outras atitudes autoritárias vindas de cima, desconsiderando a acumulação feita pelas comunidades, com discussões impositivas, cooptação de lideranças comunitárias e políticas.. algo, portanto, nada democrático. Os que vivem na região conhecem suas elites econômicas, os interesses das grandes empreiteiras, os planos do agronegócio de exportação, e a parca destinação, apenas 4% da água, para a dessedentação humana e animal. (MOREIRA, 2009).

Esses marginalizados, geralmente habitantes do Rio, e suas comunidades, são representados por uma parte da sociedade (no caso, o governo da Bahia) que busca compreendê-los de uma maneira superficial, criando representações não raras vezes equivocadas da cultura e vivência populares. Logo: “não se trata de levar a verdade/ conhecimento a esses grupos, mas de construir a compreensão da vida social com eles em suas perspectivas e vozes, sem hierarquizá-los”. (MOITA LOPES, 2006, p.96)

Segundo Silvano Santiago (2004, p. 59):

As diferenças étnicas, linguísticas, religiosas e econômicas, raízes de conflitos intestinos foram ao longo do tempo escamoteadas em favor do ideal patriótico das “comunidades imaginadas”, de um todo nacional íntegro de uma comunidade limitada e soberana (p. 58). Para Silvano, na construção do ideal patriótico que promove o engrandecimento do estado-nação ocorre a extinção da memória



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

individual do marginalizado em favor da artificialidade da memória coletiva. “Da aldeia pátria para a aldeia global, o marginalizado, excludido da possibilidade de representação social (e, portanto identitária) e oprimido pela estrutura preponderante, tende a se sentir cada vez mais desterrado.

Dessa forma, há de se considerar as intermitentes “batalhas” discursivas, conciliadas, principalmente, nas práticas que cada um dos grupos define como argumentação para a materialização de suas arguições que, por sua vez, são perpassadas por relações de poder muitas vezes tênues e abalroadas por processos de identificação e representação sociais.

### **Relações de poder, discurso e representação social**

Fica claro que esses discursos assumem posições de poder, um em relação ao outro. No entanto, não uma relação de poder baseada em aspectos somente econômicos, uma possível leitura a partir do fato de Fernando Valença atualmente pertencer à classe média alta pernambucana e Frei Gilvander se assumir das classes “minoritárias” e mais baixas da sociedade.

Essas posições de poder se dão em virtude da utilização dos procedimentos discursivos que ambos utilizam para comprovar seus pontos de vista. Ao tomarem o discurso para si, e se considerar em atores sociais capazes de representar os respectivos grupos aos quais se filiam, tanto Valença, quanto Frei Gilvander, estabelecem um processo de negociação dos sujeitos, onde os dois, a partir de um ponto comum (as origens), constituem, num contexto real, diferentes formas de representar a população ribeirinha do São Francisco e o povo nordestino que será “beneficiado” pela transposição em seu embate discursivo.

Conforme assevera Foucault, em a “Ordem dos Discursos” (1981, p.174),



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos mecanismos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? [...] a análise do poder ou dos poderes pode ser, de uma maneira ou de outra, deduzida da economia?

Foucault questiona justamente o fato de o poder ser pensado somente relativo à hegemonia, ou a questões de classe, ou seja, meramente econômicas. Nesse sentido, ambos os sujeitos, Fernando Valença e Frei Gilvander Luís, apesar de representarem, de certa forma, esses segmentos da sociedade que estabelecem relações de contato geralmente tensas em virtude das relações tradicionalmente hegemônicas, de poder e submissão, respectivamente, passam a ter um grau de igualdade em virtude das relações de seus discursos. Segundo Deleuze (2005, p.35), citando Foucault:

O poder não tem essência, ele é operatório. Não é atributo, mas relação: a relação de poder é um conjunto das relações de força, que passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes, ambas constituindo singularidades. O poder investe (os dominados), passa por eles e através deles, apóia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apóiam-se por sua vez nos pontos em que ele os afeta.

Além disso, ao criarem suas respectivas imagens, construídas, sobretudo, através desta autobiografia pautada no semi árido, visam claramente estabelecer um elo de credibilidade com os eventuais leitores, assumindo uma espécie de ritual do discurso, onde processos de representação tornam o discurso mais efetivo, dentro de uma determinada institucionalização, determinada, a priori, pelo sentimento de pertença que cada um tem em relação ao grupo que defende, favorável ou não favorável à transposição.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Isso mostra um processo de representação social (simbolizado nas figuras 1 e 2 abaixo), marcado pelas mesmas circunstâncias de enunciação<sup>10</sup>, ou seja, pelos mesmos acontecimentos, fatos sociais, que a reta **(C)** corta (motivando) transversalmente os discursos de Valença e Gilvander. Esses acontecimentos e fatos sociais (**reta C**) toca a reta horizontal **(A)** que simboliza o discurso de Fernando Valença, influenciado pela compreensão sobre os fatos da sociedade (*representação social*) que o segmento dos adeptos à transposição tem; mas também toca a reta paralela que simboliza o discurso de Frei Gilvander **(B)**, igualmente influenciado pela compreensão sobre estes mesmos eventos que os segmentos dos não adeptos possuem.

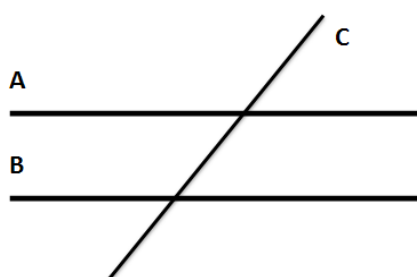


Fig.1

No entanto, na fig.1, a reta **(C)** não toca as retas **(A)** e **(B)** no mesmo ponto, indicando as diferentes representações que cada grupo tem de um mesmo acontecimento e que os mesmos fatores de produção do discurso não propiciarão, necessariamente, discursos “iguais”. Nesse ínterim, essa reta, inclinada e transversal **(C)** é que propicia o surgimento dos discursos **(A)** e **(B)**. No entanto, ambas as retas desses discursos, representados por Valença **(A)** e Gilvander **(B)**, caminham

<sup>10</sup> Aqui me refiro às condições, contexto histórico/ social (no caso, o processo transpositório do Rio São Francisco) que marcam a manifestação dos sujeitos.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

paralelamente na elaboração e construção das realidades e das representações sobre essas realidades, remetendo ao contexto sócio cultural de ambos.

Por outro lado, ao tomar as origens (semi árido) de Fernando Valença e Frei Gilvander Luís, como um acontecimento social comum a ambos, elas também podem ser simbolizadas pela reta **(C)**. A fig. 1, portanto, representaria um primeiro momento, o instante da produção discursiva. Já na fig. 2 as retas **(A)** e **(B)** se tocariam em **(C)**, representando o nível da enunciação, quando estes mesmos fatos, acontecimentos, condições sociais, propiciam o cruzamento, o toque entre ambos os discursos. A necessidade, por exemplo, de um debate sobre as políticas para a seca no nordeste, é um ponto em comum, que propicia este encontro entre as retas **(A)**, **(B)** e **(C)**.

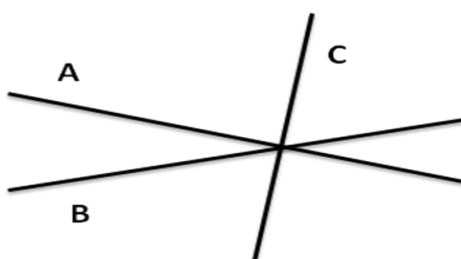


Fig2

Logo, através dessa situação de paralelismo (Fig.1), pode-se conceber que um mesmo contexto induz diferentes representações de uma mesma realidade, em que diferentes formações ideológicas marcariam a forma e o modo de interpretação, adequação e utilização dessas representações. Segundo MUSSALIN, (2006, p.124-25):

Falar-se-á em formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto da luta de aparelhos) susceptível de intervir com uma força confrontada com outras na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

atitudes e de representações que não são nem “individuais”, nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras.<sup>11</sup>

Já o contato entre ambos os discursos (Fig.2) mostra que nenhum deles sobressai hegemonicamente sobre o outro. A relação de poder se dá neles através do atravessamento de um no outro, das relações de interdependência que os marcam e afetam a situação de produção e circulação na sociedade.

Essa situação de produção se dá, sobretudo, através da coleta de dados e formação de opinião que é influenciada, em primazia, pelo grupo social no qual cada enunciador se encontra. A situação de circulação, por sua vez, inicia-se da relação de aceitação dos receptores, que também fazem parte desse mesmo grupo de argumentação, ou que terão o “poder” de distinguir dentre esses dois principais grupos, aquele que acolhe as suas perspectivas sobre o assunto em foco, assumindo, *a posteriori*, um possível posicionamento crítico:

As pessoas que coletam fatos sobre a sociedade e os interpretam não começam do zero cada relato que fazem. Usam formas, métodos e idéias que algum grupo social, grande ou pequeno, já tem à sua disposição como maneira de fazer este trabalho. (...) Uma comunidade interpretativa é composta de dois atores sociais que, de um lado, teria uma organização de pessoas que faz rotineiramente representações padronizadas de um tipo particular, os “produtores” e, de outro, os “usuários”, aqueles que aplicam rotineiramente para objetivos padronizados ao falar sobre sociedade (BECKER, 2009, p. 27).

<sup>11</sup> HAROCHE, C., PECHEUX, M. (1971), citados por Mussalin, Fernanda. *Análise do Discurso*. In MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Cristina, (org.). Introdução à lingüística: domínio e fronteira. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2006, p. 121-130.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

E, ao tratar aqui da sociedade, também é necessário compreender como ela, repleta de discursos, em níveis contextuais, organiza-se e cria identidades, dentro de variados processos estruturais, aos quais está irremediavelmente ligada.

### **Estrutura social e identidade**

A partir das considerações feitas acima, percebe-se que ambos os autores são sujeitos representativos de um grupo coletivo, e, portanto, em seus discursos não surgem apenas características pessoais, individuais de cada um. Ao tomar por estudo os discursos de ambos, torna-se extremamente necessário remeter a uma análise linguística mais apurada, principalmente com o objetivo de perceber a linguagem como fonte da subjetividade e, sobretudo, a estrutura subjacente ao contexto que caracteriza o processo discursivo de ambos.

Um ponto que logo vem à tona ao pensar-se estas questões seria quais fatores sociais, culturais ou sócio culturais, fazem com que ambos tenham diferenças tão significativas em seus respectivos pontos de vista. Já que a vivência em regiões assoladas pela seca e pela falta de dignidade é um ponto comum entre os dois, o que os faz assumir em os discursos que assumem, respectivamente contrário e não favorável ao processo transpositório?

Meurer, ao citar Halliday (1978), oferece um caminho para a compreensão desses fatores, quando propõe a definição de determinados critérios sociológicos que tenham como base alguma teoria da estrutura social. Em síntese, Meurer sugere maior problematização das noções sociológicas sobre a interação entre o discurso e o contexto.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nesse sentido, torna-se necessário entender como se dá o “plano de fundo” para a construção desses discursos, elemento este que estaria além da simples descrição contextual. Giddens (1984), citado por Iñiguez (2004), assevera que:

O discurso afeta as estruturas sociais e, ao mesmo tempo, está determinado por elas. Assim, o discurso corrobora tanto para a manutenção quanto para a mudança social. Porém, para que a descrição entre discurso e estrutura social tenha validade, é preciso considerar:

. que a linguagem é parte da sociedade; é um processo social; é condicionada social e historicamente; ou seja, há uma relação interna e de dualidade estrutural: os fenômenos lingüísticos são fenômenos sociais e os fenômenos sociais são fenômenos lingüísticos;

. que a ordem macrosocial é, antes de tudo, uma ordem de representação, ou seja, a soma de referências presentes e extraídas de microsituações. No âmbito da linguagem, essa posição ajuda a diferenciar os analistas do discurso dos analistas da linguagem, pois determina a posição do analista frente ao objeto. (...)

Logo, há uma forte ligação entre os processos de subjetivação e os processos identitários, assim como entre o discurso e as estruturas sociais. A subjetividade se liga às ações identitárias em virtude da fluidez destas; e é na linguagem e todas as suas formas de utilização, principalmente simbólica, que o sujeito se constrói. Assim, se uma identidade é necessariamente social, e se ela é a forma como um indivíduo interpreta, dá valor, encontra sentido no mundo, a compreensão da subjetividade é, necessariamente, também compreensão dos processos de identificação que envolvem as pessoas e as suas práticas.

Estes processos de identificação estão permeados e envoltos por estruturas socialmente estabelecidas nas mínimas relações humanas, nas relações dos sujeitos com a sociedade e a realidade que os rodeia. Essas interações propiciam o aparecimento das práticas sociais que são,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como MEURER propõe, ao citar GIDDENS (1979, p. 117): “pontos de articulação entre atores humanos desempenhando papéis em estruturas sociais específicas(...)”, e ainda: “aquilo que as pessoas fazem, as atividades em que se engajam ao conduzir a vida social” (MEURER, 2004, p.138).

Trata-se de uma linha tênue que atravessa as práticas discursivas, organizando, regrando e integralizando os discursos, através, sobretudo, da agência humana e das formas de significar e simbolizar o mundo, através da linguagem e das estruturas de legitimação, significação e dominação:

Em sua função de propriedades estruturadoras dos sistemas sociais, as regras e os recursos são implementados ou instanciados simultaneamente em diferentes domínios sociais: no nível pessoal, institucional e no nível da sociedade em geral (...) e por que as estruturas são socialmente construídas, o que os indivíduos consideram legítimo ou não e os significados que atribuem a eventos e fenômenos variam dependendo das formas de dominação, legitimação e significação envolvidas. (MEURER, 2004, p.151)

Ambos os sujeitos, Fernando Valença e Frei Gilvander Luís, teriam seus discursos fundamentados nessas estruturas, socialmente construídas, e não seria possível estudá-los em sua emergência sem considerá-las. O papel dessas estruturas é fundamental nesse âmbito, pois são elas que “propiciam” o nascer do sujeito, que, através da linguagem e de todos os processos de simbolização e apropriação cultural, pode representar aquilo que vivencia e, a partir de então, criar o seu discurso, cuja essência maior talvez seja a alteridade



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Considerações Finais

Um projeto promissor como o da transposição, envolvendo um rio tão significativo para o país por sua relevância cultural, econômica e política, com 2,8 mil quilômetros de extensão, cortando mais de 500 municípios, e com uma média aproximada de 12 milhões de pessoas vivendo em sua bacia, certamente não poderia deixar de gerar muita discussão e polêmica.

É justamente nesse contexto de receio e esperança, medo e angústia, em que jogos de poder se delimitam a todo instante que, seja os movimentos sociais, pessoas em geral, representantes públicos, os habitantes do rio, seja os grandes proprietários de terra, todos oferecem opiniões acerca da temática. Essas opiniões firmam-se em enunciados, unem-se e se transformam em um segmento significativo, caracterizante de cada um dos grupos. Uma vez representados por sua linguagem, por seu posicionamento social, essas pessoas deixam de ser somente uma única voz para se tornarem partes de um conjunto de vozes, em processos de subjetivação muitas vezes complexos.

Fernando Valença e Frei Gilvander Luís, nesse trabalho, através de seus discursos, ofereceram um *corpus* que possibilitou perceber elementos sociais e culturais significativos e fundamentais para a compreensão da importância da transposição do Rio São Francisco. Tornou possível entender como os sujeitos sofrem interferência da memória e de sua identidade social que, por sua vez, são calcados em processos de representação os mais variados possíveis, baseados em sentimentos de pertença, de afinidade, de compreensão e de coexistência.

Portanto, muito mais do que estudar as questões que envolvem o embate discursivo entre o grupo dos favoráveis e o dos não favoráveis ao processo transpositório, essa pesquisa propiciou a

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

compreensão de que os elementos do discurso são vários e que cada sujeito, ao assumir essa condição, passa a ter em si as mais diversas vozes, provenientes das mais diversas experiências sociais que, em sua maioria coletivas, marcam e tornam os indivíduos seres capazes de determinarem, ainda que dentro de estruturas maiores, o seu papel dentro da sociedade

### Referências

- ARAUJO, Christianne E. **O sertão mundializado na transposição do Rio São Francisco**. 2007. Acesso em: out/2009. Disponível em: < [www.pdliticasuece.com.br](http://www.pdliticasuece.com.br) >.
- BECKER, Howard. **Falando da Sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso** – Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyda: 1996. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Ed. Graal, 1979.
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
- HAROCHE, C., PECHEUX, M. (1971), citados por Mussalin, Fernanda. **Análise do Discurso**. In MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Cristina, (orgs). *Introdução à lingüística: domínio e fronteira*. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2006, p. 121-130.
- INIGUEZ, L. **Prática de análise do Discurso**. In: INIGUEZ, L. (Coord.) *Manual de análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 105-160.
- MEURER, J. L. **Ampliando a noção de contexto sistêmico-funcional na análise crítica do discurso: Linguagem em (Dis) curso**. Tubarão (SC), V.4. 2004
- MOITA LOPES, L.P. **Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização de construtos que têm orientado a pesquisa**. In. MOITA LOPES, L.P. (Org) *Por uma lingüística aplicada interdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. P.85-107.
- MOREIRA, G.L. **Carta de frei Gilvander Luís Moreira a Fernando Valença**. In: MEIRO LUMEIRO, J; VAITSMAN, M; NICOLAU, C. E; MIZUKAMI, L.; GALHARDO, J; TUBELIS, P. *“Trans Posição Francisoa”*. São Paulo: Ed. Editorial, 2009. (p. 65-72)



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

MUSSALIN, F. **Análise do Discurso**. In MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Cristina, (org.). Introdução à lingüística: domínio e fronteira. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2006, p. 121-130.

SEARLE, J.R. **Mente, Linguagem e Sociedade: filosofia no mundo real**. RJ: Rocco, 2000.

VALENÇA, L.. “**T**ransposição: só ela vencerá o flagelo das secas”; “**A** transposição no país do desperdício”; “**A** transposição é um direito do Pov<sup>o</sup>”. In: Site do Ministério da Integração Nacional. Disponível em: <http://www.mi.gov.br/safrancisco/opinicoes/index.asp> Acesso em: 13 de janeiro de 2013.

**Sites de pesquisa complementar:** [www.asabrasil.org.br](http://www.asabrasil.org.br) e [www.safranciscovivo.com.br](http://www.safranciscovivo.com.br)